

Filosofia da História

Marcos André de Barros



São Cristóvão/SE
2009

Filosofia da História

Elaboração de Conteúdo

Marcos André de Barros

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Barros, Marcos André de
B277f Filosofia da história / Marcos André de Barros -- São
Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD,
2009.

1. Filosofia da história. I. Título.

CDU 930.1

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)

Hérica dos Santos Mota

Iara Macedo Reis

Daniela Souza Santos

Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)

Carlos Alberto Vasconcelos

Elizabeth Santos

Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Portugues)

Eduardo Farias (Administração)

Haroldo Dorea (Química)

Hassan Sherafat (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)

Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)

Priscilla da Silva Góes (História)

Rafael de Jesus Santana (Química)

Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)

Trícia C. P. de Santana (Ciências Biológicas)

Vanessa Santos Góes (Letras Portugues)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton

Lucas Barros Oliveira

Neverton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

| | |
|--|-----|
| AULA 1 | |
| O que é Filosofia da História..... | 07 |
| AULA 2 | |
| A História como ciência e seu caráter filosófico: Grécia e Roma..... | 15 |
| AULA 3 | |
| A história teológica de judeus e cristãos..... | 27 |
| AULA 4 | |
| A concepção iluminista de história..... | 37 |
| AULA 5 | |
| A história antropológica de Rousseau e Herder..... | 51 |
| AULA 6 | |
| A história universal de Immanuel Kant..... | 61 |
| AULA 7 | |
| Hegel: a razão na História ou a história da razão..... | 69 |
| AULA 8 | |
| Karl Marx: a concepção materialista da História..... | 81 |
| AULA 9 | |
| Walter Benjamin: a crítica da concepção de História da modernidade..... | 91 |
| AULA 10 | |
| Jürgen Habermas: a História como processo de aprendizagem da espécie humana..... | 107 |

O QUE É FILOSOFIA DA HISTÓRIA?

META

Introduzir reflexivamente o conceito de Filosofia da História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar o campo da Filosofia da História, os múltiplos sentidos do termo história e sua relação com o autoconhecimento humano e a práxis vital humana.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura dos capítulos 16 e 17 do livro de *Introdução à Filosofia (CESAD)* com especial atenção para os conceitos de racionalismo e razão em Kant.



Pensador (Fonte: <http://michel.recondo.nom.br>)

INTRODUÇÃO

Prezado aluno, introduzir uma reflexão, na forma de lições, sobre a filosofia da história implica um esforço concentrado de leitura e atenção aos conceitos. A filosofia da história não é algo estranho à vida, pois diz respeito a perguntas tipicamente humanas, uma vez que somente nós os humanos nos fazemos perguntas sobre o sentido do tempo, seja o passado, o presente ou o futuro. Para tanto precisamos oferecer um suporte crítico sobre o que seja pensar filosoficamente e em seguida iniciaremos a aproximação ao nosso tema e ao percurso que escolhemos fazer.



Refletindo (Fonte: <http://www.webartigos.com>).

FILOSOFAR A RESPEITO DA HISTÓRIA

Quem nunca se perguntou sobre o sentido de tudo o que já realizamos como humanidade e para onde nos conduzimos sobre a face do planeta? Quando nos fazemos estas questões e iniciamos, inclusive, o exame das nossas idéias a respeito destas coisas nos situamos no âmbito próprio do filosofar a respeito da história.

Se for possível oferecer uma resposta direta à pergunta pela filosofia da história será necessário dizer que esta é a busca pelo esclarecimento a respeito do sentido da história humana. Portanto, antes de qualquer coisa, filosofar sobre a história é manter-se perguntando pelo significado dos fatos e processos históricos, manter-se alerta para o que eles dão a pensar e não deixar-se determinar, simplesmente, pelo decorrer dos fatos como se estes fossem absolutos.

Acompanhando estas questões surgem muitas outras: por exemplo: perguntando-nos pelos acontecimentos históricos somos levados à construção de uma teoria (discurso) sobre o conhecimento histórico e sobre o método para a melhor aproximação possível do ocorrido na história e seu sentido. De posse das narrativas, com frequência, queremos saber sobre as relações desse passado com o futuro, se dela podemos extrair lições ou se é possível repetir os fatos. Finalmente, alcançam-nos interrogações sobre o quanto a história é determinada pela ação humana, pela natureza ou pela atuação do ser divino. Assaltam-nos idéias sobre a liberdade, o acaso, a necessidade e a interferência sobrenatural.

A relação da história com o sentido da ação humana é uma das mais estruturais para o modo especificamente humano de existir, ou seja, as questões relativas à ação histórica ou ao sujeito histórico ligam-se à pergunta pela história como um todo. Em vários momentos da vida de cada indivíduo ou dos grupos e sociedades as questões sobre a história apresentam-se como interrogações centrais, por um lado elas revelam certa necessidade de conhecimento de informações e discernimento do sentido das ações do passado, por outro se ligam à busca humana de melhores fundamentos para as suas ações e decisões. Estas constatações são por si mesmas suficientes para mostrar as duas acepções básicas do termo história: 1- passado narrado e conteúdo da consciência ou da memória; e 2- espaço da ação caracteristicamente humana que une poder de interferência, liberdade de decisão e reflexão. Assim, o conhecimento da história (e de seu sentido) é essencial à ética e à política enquanto respectivas buscas de realização do viver bem por parte do indivíduo ou da sociedade.

Mas, onde e quando encontramos pela primeira vez o uso da expressão “filosofia da história” no curso do pensamento ocidental? Resposta: a expressão “filosofia da história” aparece pela primeira vez no pensamento do filósofo francês Voltaire, no século XVIII. O sentido des-

ta aparição não está apenas no fato deste ser o século do despertar do homem ocidental para a história, mas fundamentalmente no que representou o pensamento Iluminista na criação da concepção da história que se tornou hegemônica nos séculos XIX e XX. Trava-se para Voltaire da história sob o prisma do pensamento crítico e científico, uma espécie de realismo histórico baseado na busca e na satisfação pelas evidências e no afastamento de qualquer plano pré-estabelecido, apenas os fatos interessam, porém a difícil e ineliminável convivência de fatos e interpretações vai minar e perturbar a aparente solidez deste pensamento.

Entretanto, o brado voltaireano por uma filosofia da história marcará a passagem para o tempo em que o homem ocidental reunirá esforços para compreender a história com sua própria capacidade racional, construindo-a, assim, como uma imagem do próprio homem (uma ciência da natureza humana).



Voltaire (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>)

Concordando ou não com Voltaire, *pensar a história e indagar pelo seu significado exige um tipo de atividade que se diferencia da atitude do historiador sendo-lhe ao mesmo tempo subsidiária*. Mais do que o esclarecimento detalhado das ocorrências, os fatos são vistos pelo filósofo como decisões e estas como ações que expressam vontade e julgamento; portanto,

a história não recebe significado apenas da reconstrução dos fatos, mas nutre-se da compreensão aportada aos mesmos. Pensar a história é pensar o fundamento de verdade no conhecimento das evidências (credenciais de ciência do conhecimento histórico), mas de modo incontornável é pensar o sentido a elas atribuído e pensar o pensamento que o atribui. Deste modo, filosofar sobre a história implica uma definição de filosofia como ponto de partida.

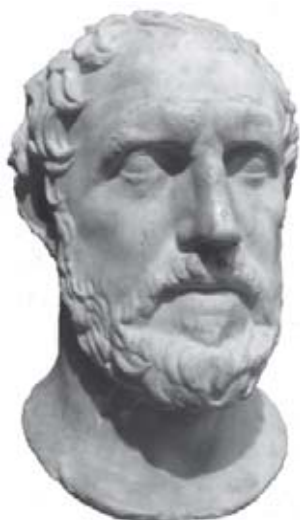
Vamos atender a esta exigência por uma definição de filosofia sem, entretanto, pretender oferecer um conceito cabal. Queremos, na verdade, elencar as características desta atitude que entendemos poder oferecer suporte para o pensamento sobre a história:

1. Reflexão - filosofar é refletir, é a ação do pensamento que se volta sobre si mesmo; por mais sólido que seja o conteúdo dos significados expressos como resposta a certas perguntas o pensamento se torna filosófico quando se debruça novamente sobre estes significados e sobre a operação que os construiu e instituiu. Pensar o que já foi pensado é pensar o pensamento que se presentifica ou subjaz à significação seja semântica ou pragmaticamente.
2. Racional - filosofar é raciocinar na busca de nexos que se estabelecem no discurso no esforço de exprimir e oferecer um sentido aceitável mediante pretensões de sinceridade, veracidade, validade e coerência que admitem seu submetimento à averiguação e à crítica.
3. Rigorosa - filosofar é construir e eleger critérios que sejam capazes de garantir a adequação dos conteúdos aos nexos e à natureza dos objetos do discurso e do pensamento.
4. Radical - filosofar é buscar o ponto mais profundo e pleno da compreensão do sentido expresso por um discurso. Nesta tarefa com frequência o pensamento necessita tornar-se englobante (“totalizador”) e sistemático.
5. Crítico - filosofar é permitir ao pensamento retornar ao seu nascedouro à admiração que instaura espaços carentes de sentido a partir do perguntar, é o poder de dar espaço à insatisfação com o significado operante ou vigente mesmo sem que disponha de sucedâneo. Concede-se à filosofia o papel de criar as condições para a desconstrução de todo o saber que não resista às suas reações e efeitos ante a insuficiência de sentido.

Mas se o filosofar é aplicado à história igualmente requer-se um conceito inicial desta. Mesmo reconhecendo a ambigüidade do termo identificado ao mesmo tempo com conteúdo representacional (de memória) e com espaço da ação humana, vamos tomá-lo de modo geral no seu sentido mais próximo de historiografia. Portanto, *história significa pesquisa, narrativa e ciência da “res gestae”, ou seja, conhecimento das ações humanas praticadas no passado a partir da busca e interpretação das provas.*

Antes, porém, de apresentarmos a última pergunta desta lição queremos justificar o percurso que segue. Mesmo considerando o surgimento

da filosofia da história com o pensamento de Voltaire, não somente identificamos alguns precursores de suas idéias sobre a história no humanismo renascentista e no racionalismo setecentista, mas entendemos essencial que as concepções grega e judeu-cristã de história sejam esclarecidas, uma vez que as encontramos sempre ao longo da história das filosofias da história dos séculos XIX e XX, ora transmutadas em conceitos seculares, ora subjacentes ao escopo epistemológico. Por isso, inserimos duas lições sobre o “pensamento histórico” grego e judeu-cristão antes de chegarmos a concepção iluminista que é o ponto de partida da moderna filosofia da história.



Tucídides (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).



Walter Benjamin (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A última pergunta que merece lugar numa lição inicial sobre o que é filosofia da história é aquela que indaga sobre a utilidade da história. O professor e o pesquisador da história encararão sempre esta questão ou trazida pelos alunos ou posta por eles mesmos aos alunos e a si próprios no exercício de seu ofício. Para que serve a história? De Tucídides a Walter Benjamin a questão exige reflexão e as expectativas na resposta variam muito, mas sejam quais forem as respostas e as expectativas o filósofo inglês R. G. Collingwood (1980, p. 17) arrisca apresentar uma resposta que goze da aceitação de todos:

[...] *para que serve a história?* Esta é talvez uma pergunta mais difícil [...] Uma pessoa que lhe responda terá que refletir bastante mais amplamente [...] Terá que refletir não apenas sobre o pensamento histórico como também sobre outras coisas, porque dizer que alguma coisa é *para* alguma coisa implica uma distinção entre A e B, sendo A alguma coisa boa para B, e B alguma coisa para que A é boa. Sugiro, porém, uma resposta, exprimindo a opinião de que nenhum historiador a rejeitará, embora as perguntas ulteriores a

que dá lugar sejam numerosas e difíceis.

A minha resposta é: a história é *para* o autoconhecimento humano. Julga-se, geralmente, que é importante, para o homem, que ele se conheça a si próprio, não querendo isto dizer que ele conheça as suas particularidades meramente pessoais, aquilo o diferencia dos outros homens, mas sim a sua natureza de homem. Conhecer-se a si mesmo significa saber, primeiramente, o que será o homem; em segundo lugar, saber a espécie de homem que se é; em terceiro lugar, saber o que será o homem que se é, distinto de qualquer outra pessoa. Conhecer-se a si mesmo significa saber o que se pode fazer. E como ninguém sabe o que pode fazer antes de tentar, a única indicação para aquilo que o homem pode fazer é aquilo que já fez. O valor da história está então em ensinar-nos o que o homem tem feito e, deste modo, o que o homem é.

Pretendemos, portanto, visitar as diversas visões filosóficas da história e expô-las em seus conceitos principais, sempre com a intenção de fortalecer e esclarecer o nosso próprio pensamento e a nossa práxis, seja como profissionais do ensino e da pesquisa histórica, seja como cidadãos a quem é dado fazer a história ao invés de “esperar acontecer”.

CONCLUSÃO

Caro aluno, como fica visível em nosso esforço de explicitar o que é um pensar sobre a história, este diz respeito às questões que levantamos diante dos acontecimentos e perante a nossa necessidade de atuarmos como seres que fazem história. Um pensamento crítico, rigoroso, radical e reflexivo é essencial para fundamentar um adequado filosofar sobre a história.

RESUMO

A filosofia da história é a busca humana pelo sentido da presença humana no tempo. Inevitavelmente esta pergunta se defronta com os problemas referentes ao significado do já ocorrido e ao mesmo tempo com as demandas sobre o que virá. Encaminhar criticamente este pensamento de forma reflexiva é qualificar este pensar com o caráter filosófico propriamente dito. Indagar pelo sentido da história é buscar uma autocompreensão do homem a partir daquilo que ele tem feito.

ATIVIDADES

Explicita as relações entre o conceito de filosofia da história e a condição existencial caracteristicamente humana.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Relacione a condição humana de Ser que pergunta e reflete sobre o sentido, o conceito de história que envolve um saber sobre o passado e sua utilidade para a construção do futuro e para a autocompreensão humana.



PRÓXIMA AULA

Na Lição nº 02, veremos a concepção grega de história e seu caráter diferenciado em relação à literatura (mitos e lendas).

REFERÊNCIAS

BODEI, Remo. **A História tem um sentido?** Tradução: Reginaldo Di Piero. Bauru: EDUSC, 2001.

COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História**. 6 ed. Tradução: Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1986

NASCIMENTO, M. G. S. **Voltaire: a razão militante**. São Paulo: Moderna, 1993.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. **Voltaire: textos escolhidos** (Os pensadores). Tradução: Marilena de Souza Chaui. São Paulo: Abril Cultural, 1978.